A PARÓDIA DO ROMANCE EM *CANDIDE*

Samuel Antonio Mikulis Junior
PROVIC
Andréa Paraíso Müller
andrea.paraiso@uol.com.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Departamento de Estudos da Linguagem

Literatura Comparada

Palavras-chave: Candide, Malleus Maleficarum, Literatura, Inquisição, Romance.

Resumo
Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Candide, ou l'Optimisme* de Voltaire, história esta que se passa em meados do século XVIII, com embasamento teórico principal em *Introdução à análise de romances* de Yves Reuter, visando demonstrar a grande proximidade dos acontecimentos vividos por Cândido no romance analisado com a realidade vivida pelos povos europeus durante o desenrolar dos atos da Inquisição Católica por séculos, auxiliada pelo mais famoso manual de tortura já escrito*, Malleus Maleficarum Maleficat et earum haeresim, ut framea potentissima conterens* e com aval da Bula Pontifícia em sua força de lei eclesiástica, em sua insaciável e desenfreada perseguição, tortura e assassinato de milhares de pessoas, em sua maioria mulheres, acusadas de heresia , bruxaria e queimadas em fogueiras em atos públicos.

Introdução

Candide, ou l'Optimisme é um romance escrito no século XVIII pelo francês Voltaire. O livro, de aproximadamente 125 páginas (dependendo muito da versão lida), retrata a vida de seu personagem principal *Candide* (Cândido) em sua busca incessante por sua amada *Cunégonde* (Cunegunda), passando por muitas aventuras em diversos países, inclusive da América do Sul, e sendo até mesmo pego e julgado pela "Santa Inquisição", como era chamada pela Igreja Católica. E no tangente à Inquisição, faremos uma comparação do literário com a realidade a partir de *Candide* e *Malleus Maleficarum*. Duas obras de séculos diferentes que se completam, neste trabalho demonstrando a veracidade dos atos praticados pela "Santa Inquisição" antes, durante e depois da época em que foi escrito *Candide*. A comparação entre os textos deixa perceber a forte crítica de Voltaire à Inquisição e à Igreja de modo mais generalizado.

Material e Métodos

Em meio a todos os livros lidos e referenciados neste trabalho, podemos afirmar que começamos com a *Introdução à análise do romance* de Yves Reuter, sendo este livro o precursor de toda nossa base teórica de análises e compreensão de romances. Esses conceitos foram discutidos no grupo de estudos, com base na leitura prévia do texto teórico. Também foram lidos e discutidos textos do terreno da história da leitura que nos possibilitaram conhecer um pouco da trajetória do gênero romance, especialmente no século XVIII, época em que foi escrito e publicado o romance que é objeto desta pesquisa, *Candide* . Em seguida, percebendo as críticas

de Voltaire à Inquisição e à Igreja, fiz a leitura e o estudo da obra *Malleus Maleficarum* (que já conhecia por estudos anteriores) para proceder à comparação.

Resultados e Discussão

O livro *Candide, ou l'Optimisme*, escrito por François-Marie Arouet, em seu pseudônimo Voltaire, em janeiro de 1759, retrata a agitada e desastrada vida de seu personagem principal, Candide (Cândido), em busca de sua amada, Cunégonde (Cunegunda), em uma viagem de proporções continentais, atravessando a Europa, passando pela África e chegando à América do Sul.

A viagem, que se inicia no reino de Westphalie (Westfália), local onde Candide habitava e tinha uma boa vida aprendendo, com Pangloss, a metafísico-teológico-cosmolonigologia, começa mal por ter se apaixonado e beijado Cunégonde, filha do senhor Barão de Thunder-ten-tronckh, e ter sido pego, no ato do beijo, pelo Barão, sendo expulso de castelo a pontapés e vivenciando diversas desventuras.

Em meio às viagens, mais especificamente em trechos do capítulo 5, Candide, em um navio, sofre um naufrágio e, juntamente com Dr. Pangloss, é levado à praia em destroços do naufrágio e chegam a Lisboa. Mal haviam pisado em terras portuguesas e um grande tremor de terra acontece.

Este terremoto, conhecido como *Sismo de 1755*, ocorreu em 1º de novembro de 1755 e quase destruiu a cidade de Lisboa por completo atingindo mais as zonas baixas da cidade. Seguido de um maremoto de vinte metros de altura causou incêndios em diversos navios atracados no porto, resultado de múltiplas colisões, e, aproximadamente, quinze mil mortes, assim como relata o trecho no livro:

> Mal ancoraram os pés na cidade, chorando a morte do seu benfeitor, sentem a terra tremer sob os seus passos; o mar se ergue a ferver no porto e destroça os navios que estão ancorados. Turbilhões de chamas e cinzas cobrem as ruas e as praças públicas; as casas desmoronam, os telhados são derrubados sobre as fundações, e as fundações se dispersam; trinta mil habitantes de qualquer idade e sexo são esmagados debaixo das ruínas. (VOLTAIRE, 1759, p. 42)

O evento, calculado por sismólogos modernos, pode ter atingido magnitudes entre sete ou nove na escala Richter.

Em vista do evento ocorrido, exatamente na chegada dos dois personagens à costa portuguesa, eles são acusados pelas autoridades eclesiásticas de serem os causadores do terremoto e presos por oito dias devendo fazer um *Auto de Fé* como penitência e para que a população tivesse algo "palpável e visual", pois era de extrema importância política para a Igreja Católica manter o controle da massa de religiosos enfurecidos e que exigiam explicações divinas para tal.

Nos *Autos de Fé* os condenados eram forçados a andar pelas ruas da cidade, vestidos com trapos, ouvindo injúrias da população até chegar em seu calvário, onde seria dada a sentença final que, na maioria dos casos, era a morte.

> Depois o terremoto que havia destruído três quartos de Lisboa, os sábios do país não tinham encontrado um meio mais eficaz para prevenir uma ruína total senão dar ao povo um belo auto de fé; fora decidido pela Universidade de Coimbra que o espetáculo de algumas pessoas queimadas em fogo brando, em grande cerimônia, é um segredo infalível para impedira terra de tremer. (VOLTAIRE, 1759, p. 44)

Podemos afirmar que a decisão tomada pelos inquisidores foi embasada em Malleus Maleficarum no trecho em que se escreve que

> [...] as forças inferiores são capazes de provocar tempestades, de provocar males, mesmo sem o auxílio de qualquer força superior. Pois que Santo Alberto Magno, em sua obra *De passionibus aeris* afirma que sálvia em putrefação, quando jogada em água corrente, da forma que o autor explica, provoca as mais tenebrosas tempestades, as mais temíveis tormentas. (KRAMER, 1487, p.71)

Havia, assim, todo o apoio nas Leis Eclesiásticas para que se acusasse Dr. Pangloss e seu discípulo Candide de tal crime contra a humanidade e perante Deus:

> Tinha-se conhecimento de um biscainho convencido de ter desposado a sua comadre, e dois portugueses que, comendo frango, tinham-lhe retirado o toucinho; vieram prender depois do jantar o dr. Pangloss e o seu discípulo Cândido, um por ter falado e o outro por ter escutado com ar de aprovação: ambos foram levados separadamente para cômodos de extremo frescor, nos quais nunca se era incomodado pelo sol; oito dias depois foram ambos vestidos com um sambenito, e ornaram-lhes a cabeça com mitras de papel: a mitra e o sambenito de Cândido eram cheios de chamas invertidas e diabos que não tinham nem rabos nem garras; mas os diabos de Pangloss tinham garras e rabos, e as chamas eram direitas; caminharam em procissão vestidos assim, e ouviram um sermão muito comovente, seguido de uma bela música em falso bordão. Cândido foi surrado em cadência enquanto se cantava; o biscainho e os dois homens que não queriam comer toucinho foram queimados, e Pangloss foi enforcado, embora não fosse o costume. (VOLTAIRE, 1759, p. 44-45)

As punições exercidas pela “Santa Inquisição”, segundo Heinrich Kramer e o selo de aval da Bula Papal de Inocêncio VIII e da Igreja Católica, “[...] foram instituídas graças ao comum acordo de todas as nações e de todos os soberanos, e tal acordo muito tem contribuído para a eliminação da prática dessas artes proibidas”. (KRAMER, 1487, p. 62) E ainda afirma que

> [...] Qualquer pessoa, de qualquer classe, posição ou condição social, sob acusação dessa natureza, pode ser submetida à tortura, e a que for considerada culpada, mesmo tendo considerado seu crime, há de ser suplicada, há de sofrer todas as outras torturas prescritas pela lei, a fim de que seja punida na proporção de suas ofensas. Observações: antigamente esses criminosos sofriam dupla punição e eram atirados às feras para serem devorados. Hoje, são queimados vivos na fogueira, provavelmente porque na sua maioria são mulheres. (KRAMER, 1487, p. 61)

E se, para a Igreja Católica,

> [...] Enganam-se, portanto, os que afirmam que não existem coisas como bruxaria ou feitiçaria, ou os que professam que tais coisas são imaginárias ou existam Demônios só na imaginação dos ignorantes e de populares, e também os que declaram ser equívoco atribuir a Demônios certos fenômenos naturais que acontecem aos homens. (KRAMER, 1487, p. 57)

ISSN 1676-0093

Então sua decisão foi tomada, também, corretamente aos olhos de deus para que se evitasse outro tremor de terra, mas "[...] No mesmo dia a terra tremeu com um estrépito espantoso". (VOLTAIRE, 1759, p. 45) O que, em todo caso, não justifica as ações praticadas sobre crimes não cometidos por cidadãos comuns e sem credência alguma quanto ao mesmo. É marcante a ironia de Voltaire e à crítica aos procedimentos da Igreja.

E sabendo que era quase impossível escapar da condenação, após ser acusado, digamos que Candide teve muita sorte de sair todo machucado, mas vivo.

Em Malleus Maleficarum afirma-se que

> [...] Se após a devida sessão de tortura o acusado se recusar a confessar a verdade, caberá ao juiz colocar diante dele outros aparelhos de tortura e dizer-lhe que terá de suportá-los se não confessar. Se, então, não for conduzido pelo terror a confessar, a tortura deverá prosseguir no segundo ou terceiro dia, mas não naquele mesmo momento, salvo se houver boas indicações de seu provável êxito. (KRAMER, 1487, p. 445)

Fazendo com que o acusado "confessasse" o que jamais havia feito, simplesmente para que a dor acabasse. Em caso do acusado confessar, por meio de tortura e dor, a sentença de morte seria dada, mas em caso do acusado não confessar iria ser torturado até que confessasse ou morresse.

Conclusão/ões

Em uma época em que o romance ainda era desacreditado e desprestigiado, Voltaire escolhe esse gênero para construir um texto repleto de ironia e críticas diversas às injustas instituições de seu tempo. Observando as críticas à Igreja Católica e à Inquisição, percebemos que o filósofo e escritor as faz com embasamento e conhecimento, sobretudo do manual *Malleus Maleficarum*. Apesar do tom cômico de Candide, as instituições e seus métodos descritos estão longe da mera fantasia.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. Organização da edição russa: Serguei Botcharov e Vadim Kójinov – São Paulo, 1ª ed. Editora 34, 2018.

KRAMER, Heinrich. **O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum**. Tradução: Paulo Fróes, Rose Marie Muraro e Carlos Byington – Rio de Janeiro, 1ª ed, BestBolso, 2015.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. Tradução: Ângela Bergamini ... [et al.] – São Paulo, 2ª ed, Martins Fontes, 2004.

VOLTAIRE. **Candide, ou l'optimisme**. – Paris, Éd. Magnard, Classiques et Patrimoine, 1e éd, 2013.

БАХТИН, Михаил. **Теория романа: вриемени и хронотопа в романе**. - Москва: Художественная литературе, 1975.